

Identidade e Cultura das Comunidades Avieiras do Tejo e do Sado

Carlos Barbosa¹

João Monteiro Serrano²

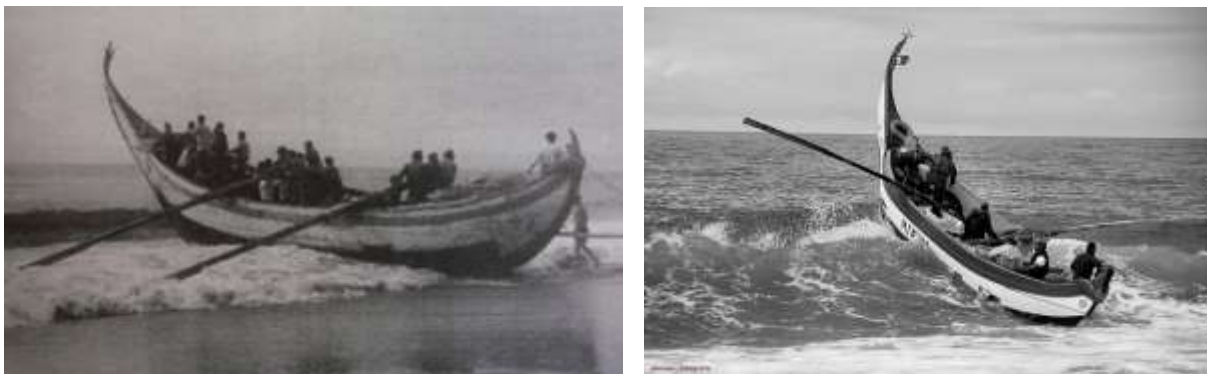
Alexandra Ferro³

A Praia da Vieira (Vieira de Leiria) localiza-se nas terras da Gândara, nos areais entre o Atlântico e o Pinhal de Leiria, no litoral central português.

Neste pinhal, os construtores de embarcações - nomeadamente de naus portuguesas que serviram a epopeia das Descobertas Marítimas e dos barcos para as actividades piscatórias -, procuraram madeiras, resina e pez necessários para a construção naval.

Nesta região arenosa e infértil para a exploração agrícola de toda a região central do litoral oeste, o mar bate essas praias abertas e sem abrigos naturais. A enorme força das ondas e da rebentação tornam essa costa muito perigosa para a pesca, o que tem sido um desafio historicamente constante, em particular para as populações murtoseiras (da região da Murtosa), varinas (da região de Aveiro e Ovar) e vieirenses (da região de Vieira de Leiria). Foram obrigados por isso a construir uma embarcação muito segura.

O barco de mar que criaram é perfeitamente adaptado a essas condições.



Figs. 1 e 2 – Praia da Vieira: Barcos de Mar

Referindo-se ao *barco de mar* do litoral centro de Portugal, Alfredo Pinheiro Marques⁴, considera-o “o mais belo barco do mundo”. Como investigador universitário designa Fernando Alonso Romero como o *druida da memória da Galiza*, e este define a mesma embarcação como “a mais interessante da Europa”.

Neste barco de mar, também designado por *Meia-Lua*, de dois ou quatro remos, forjaram os pescadores da Praia da Vieira a sua capacidade de conhecer e desafiar o mar

¹ IADE-U: Instituto de Arte, Design e Empresa - Universitário

² Instituto Politécnico de Santarém

³ Universidade Lusófona

⁴ Director do Centro de Estudos da Mar, na Figueira da Foz e investigador

e enfrentá-lo, tantas vezes de modo quase suicidário, com os perigos inerentes à arte da pesca, com que também se confrontam nos rios Tejo e Sado.

No passado, nos meses em que os rigores do inverno e da falta de peixe mais se faziam sentir, os pescadores - numa primeira fase individualmente e mais tarde com a família -, deslocavam-se para o Tejo em modo sazonal, praticando a pesca fluvial *no jardim de peixe*, como aquele rio era por eles referido. Aí encontravam, em abundância, espécies como o enguia, a lampreia, o sável e a fataça.

População de pescadores de mar, resolvem abandonar a sua região por falta de sustento para eles e suas famílias especialmente no Inverno. O mar, não só lhes roubava a possibilidade de terem ali o seu ganha-pão, como também no auge da sua força lhes ia ceifando vidas nos vários naufrágios ali ocorridos. Dadas as circunstâncias, resolvem abandonar esta região e dirigir-se para sul na esperança de melhores condições de vida que o mar lhes vinha negando. Procuraram o rio Tejo e o rio Sado onde se instalaram nas suas margens.

Essa movimentação integrou-se no fluxo migratório interno, especialmente importante desde meados do século XIX até aos anos 30 do século passado, como o demonstram os estudos de Amorim Girão⁵. Estes pescadores com origem na Praia da Vieira de Leiria, ou *Praia da Avieira*, passaram a ser chamados de “Avieiros”.

Alves Redol⁶ na obra neo-realista *Avieiros* achava que eram “nómadas do rio, como os ciganos na terra” sintetizando assim a sua maneira de viver. Redol escreveu esse trabalho de ficção aí descrevendo a realidade factual que ele próprio viveu, nos anos 30 do século passado, no convívio direto com estas comunidades de pescadores.

Dentre os factores etnográficos que permitem identificar a cultura das comunidades avieiras, ganham evidência as habitações com estruturas palafitas. Eram, por norma, construídas nos leitos de cheias, assentes em estacas, com materiais efémeros (caniços e colmo), evoluindo depois para barracas em madeira e, mais tarde, já em aldeias, para casas construídas pelo menos parcialmente em alvenaria.

Ganha também evidência o papel da mulher. Enquanto na comunidade marítima é o homem que vai à pesca e a mulher assume as responsabilidades da casa e da família, no Tejo é a mulher, camarada e mãe, que sempre acompanha o marido na faina, rema o barco enquanto são lançadas as redes, trata dos filhos e a quem compete governar e tomar conta da própria economia familiar. No fim da faina, de porta em porta, vende o pescado para sobrevivência da família.

No entanto é o barco que, para além das funcionalidades próprias das actividades de pesca, se afirma, sob o ponto de vista antropológico e com especial relevância, como referência identitária no âmbito da cultura avieira.

⁵ In: *Geografia de Portugal*. No mapa de migrações internas portuguesas, aí se assinala o percurso dos *Avieiros* desde a Praia da Vieira até à região do rio Tejo.

⁶ Vulto maior do ficcionismo português da corrente neo-realista, ele próprio descendente de Avieiros



Fig. 3 – Avieiros: habitação palafítica e bateira (in “Arquitectura Popular em Portugal” – 1961)

Tendo em consideração os diversos aspectos que lhe estão associados, o barco revela-se também um repositório de valores humanos onde se destaca a capacidade de adaptação às circunstâncias particularmente exigentes na procura de meios, para sobreviver e ultrapassar no dia-a-dia as vicissitudes duma vida de incertezas.

Raúl Brandão⁷, na sua obra *Os Pescadores*, criou o cenário onde se evidenciam as características das gentes que trabalham o mar português, aí os considerando como “os mais pobres dos pobres”. A história de vida das comunidades avieiras demonstra que esta asserção se lhes aplicou sem, no entanto, nunca lhes fazer perder as expectativas de uma vida mais digna e, ao mesmo tempo, consentânea com a preservação das suas matrizes identitárias.

O barco avieiro é o símbolo de um mundo de vivências que confere a estas comunidades referenciais únicos e diferenciadores, sem mitos. Trata-se de pessoas com um mundo próprio de vivências fechadas, que ainda hoje se referem aos das suas comunidades - com o orgulho próprio de quem tem consciência dos seus valores culturais – como sendo “gente do nosso pano”.

Sem praticarem a endogamia, as famílias eram normalmente constituídas no seio das comunidades avieiras, sem se admitirem casamentos fora das comunidades. Um dos primeiros objetivos dos casais que tomavam a decisão de viver em conjunto - antes mesmo de pensar em ter casa -, era adquirir um barco, já que invariavelmente este era parte integrante do seu plano de vida.

A sua importância sempre foi decisiva no quotidiano das famílias avieiras, tanto mais que o dimensionamento da embarcação⁸ obedecia a uma lógica de funcionalidades, compartimentado e definido em três zonas distintas:

1. O *Quarto*, na proa (complementado pela cobertura, ou toldo, para resguardar do sol e das intempéries);

⁷ Escritor português do início do século XX

⁸ Também chamada *bateira*, ou *saveiro*, de acordo com a região do Tejo

2. A *Cozinha*, na área intermédia (com os indispensáveis apetrechos para a confecção das refeições);
3. A *Oficina*, situada na popa (espaço para as artes e armanejamento do pescado).



Fig. 4 – Família avieira em bateira, no rio Tejo (Museu Municipal de Benavente)

A decisão para a vida em comum de um casal avieiro supunha o barco, não só como instrumento de trabalho, mas também como habitação, berço, escola de vida e mesmo leito de morte. É um testemunho de intimidades, de anseios, de sonhos, de expectativas, de alegrias e de tristezas que constituem o universo dos indivíduos que formam essas comunidades.

Em suma e recorrendo a Alves Redol⁹, os avieiros tinham “o céu para telhado e coberta no tempo bom, um toldo de oleado para os dias de inverneira; e todas as margens do Tejo para encostar o barco e o rio inteiro para lançar as artes”.

Identifica-se este barco através da sua forma peculiar que a distingue das restantes embarcações fluviais por ser uma “bateira de duas bicas”, com ou sem leme, cuja mobilidade era assegurada por uma vela de espicha e por dois remos. A sua construção é da responsabilidade dos próprios pescadores, ou por mestres avieiros, que definem os parâmetros estruturais de maneira mais ou menos empírica, socorrendo-se apenas do *pau de pontos*.

A forma destas embarcações do Tejo fazem-na associar ao *Meia-Lua*, da Praia da Vieira. Há no entanto pelo menos três teses sobre as origens desta forma de construir.

A primeira é a de Octávio Lixa Filgueiras¹⁰ que defende o *moçarabismo náutico*, como ilustra a figura 5 (modelo de barco de Ur, que se encontrava num túmulo real). Para o confirmar, ainda hoje há povos da Baixa Mesopotâmia (Ma’dan) que usam canoas de tábuas cuja arquitetura remete inequivocamente para as embarcações da civilização suméria (vide fig. 6).

⁹ Obra citada

¹⁰ A. Garrido, in “Octávio Lixa Filgueiras, Arquitecto de Culturas Marítimas”, Âncora Editora, 2009



Fig. 5 – O modelo de Ur



Fig. 6 – Povo Ma'dan

A segunda é a de Senos da Fonseca¹¹, que defende que a *Ílhava* é o tipo de barco que está na origem das bateiras de duas bicas, e que a sua concepção foi desenvolvida na lagoa da Ria de Aveiro, com os saberes de construção naval a resultarem da longa experiência adquirida pelos mestres que nessa zona geográfica se dedicaram à arquitectura dos barcos lagunares.

A terceira é a de Carlos M. Carvalho¹², que tem vindo a elaborar um sistema taxónimo que permite classificar os tipos de barcos portugueses, tendo já identificado mais de duzentos diferentes. Na sua comunicação “As Bateiras: genealogia, tipologias, distribuição”¹³ refere a *bateira avieira*, o que parece ser a primeira vez que aparece em estudos deste género.

Curioso será verificar que Baldaque da Silva¹⁴, já em 1891, incluía uma gravura (Fig. 7) de um tipo de embarcação do Tejo que é semelhante à dos pescadores avieiros, mencionando-a no entanto como *barco ílhavo*.



Fig. 7 – Barco ílhavo (Baldaque da Silva)

¹¹ “Embarcações que tiveram Berço na Laguna – Arquitectura Naval Lagunar”, Papiro Editora, 2011),

¹² “Embarcações Tradicionais Portuguesas: uma proposta de classificação tipológica”. In “Octávio Lixa Filgueiras, Arquitecto de Culturas Marítimas”

¹³ Apresentada na Sociedade de Geografia de Lisboa, em 2011

¹⁴ Na incontornável obra “O Estado Actual das Pescas em Portugal” (Lisboa, 1891)

Finalmente, num notável trabalho de rigor, integrado no projecto da Cultura Avieira, o Arquitecto Fernando Simões Dias tem vindo a fazer o levantamento dos tipos de embarcações usadas pelas comunidades avieiras.

Dentre os vários tipos de barcos já estudados – são onze tipos diferentes já identificados e analisados – e por ser o que tradicionalmente mais se identifica com a imagem dos pescadores avieiros, apresenta-se um dos seus desenhos técnicos de uma *bateira* (Fig. 10).

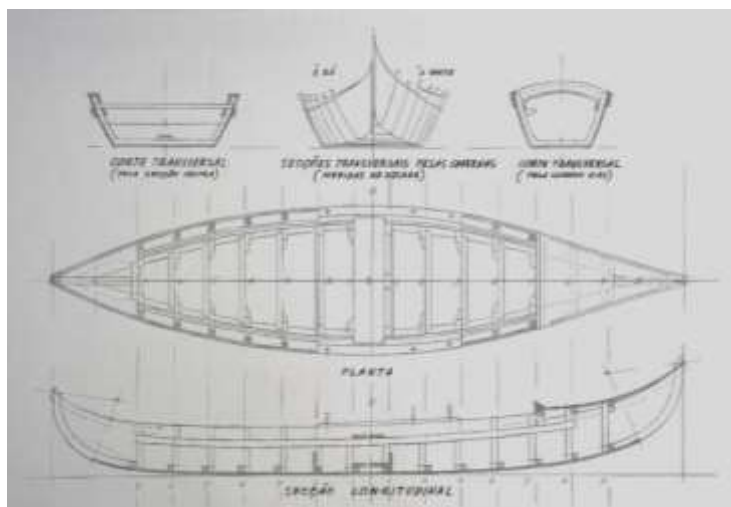


Fig. 8 – Bateira Avieira: peças técnicas (Arq. F. Simões Dias)

Tanto quanto tem sido possível observar, as opções construtivas estarão relacionadas com a geomorfologia fluvial, com o tipo de pesca e com os hábitos de cada comunidade.

As cores do barco, embora ainda insuficientemente estudadas¹⁵ reflectem aspectos da personalidade e das mundividências dos seus proprietários, traduzidas pelas estórias que nos vão contando.

O que deste quadro resulta é a emergência do barco como um símbolo que identifica esta comunidade com a relação que estabelece directamente com o meio natural envolvente, com as memórias dos seus ancestrais e, em simultâneo, com a capacidade que essa mesma comunidade revela em se adaptar ao Tejo, fonte permanente da sua subsistência.

Esta riqueza cultural, extensa e profunda, enraizada nas práticas ancestrais das comunidades piscatórias marítimas e fluviais, é actualmente sujeita a um projecto de candidatura a património imaterial nacional e da Unesco. Com esta acção visa-se reconhecer a enorme importância do contributo dos pescadores e das suas práticas de vida para a criação multiseccular da identidade cultural e nacional.

¹⁵ Por exemplo, nos primeiros tempos, a aplicação do preto resultava, por razões económicas, da aplicação do *breu* (tipo de alcatrão) para efeito de acabamentos de calafetagem da embarcação